

Luiz Cláudio Bittencourt<sup>1</sup>

BITTENCOURT, L. C. *Geometrias invisíveis*. Revista Educação Gráfica, Bauru, n.4, p.43-49, 2000.

## Resumo

O presente texto trata das relações espaciais geradas pelos retábulos<sup>2</sup> nas igrejas e capelas brasileiras do período colonial, com destaque para o barroco, toma como referência o contexto histórico, leituras "in loco" e bibliografia pertinente à história da arquitetura e urbanismo.

Palavras-chave: arquitetura e urbanismo, história/teoria, arte, geometria.

## Abstract

The present text treats of the space relationships generated by the retábulos in the churches and chapels of the colonial period, with prominence for the Baroque, it takes as reference the historical context, readings "in loco" and pertinent bibliography to the history of the architecture and urbanization.

Keywords: architecture and urbanism, history/theory, art, geometry.

---

<sup>1</sup> Arquiteto. Prof. Dr. DAUP-FAAC-UNESP-Bauru. E-mail: lclaudio@azul.bauru.unesp.br

<sup>2</sup> Retábulo: Construção de talha de madeira ou pedra lavrada, que guarnece uma parede em que se encosta um altar, possuindo nichos e pranchas para imagens ou caixilhos para quadros ou baixo relevos. Nos altares isolados, ou desencostados "à romana", não há retábulos. CORONA, Eduardo, LEMOS, Carlos Aberto Cerqueira. *Dicionário da arquitetura brasileira*. Cia. Das Artes, São Paulo, 1998

A perda da sensação de limites no espaço da arquitetura barroca de Bernine e Borromine é tema já conhecido da literatura específica<sup>3</sup>. Assim como é conhecida a evolução tipológica das igrejas e capelas portuguesas no Brasil vinculadas a solução do Gesú de Roma, modelo de transição entre concepção maneirista e início do barroco, solução sintetizada no projeto radical de São Roque de Lisboa, apesar do viés autóctone apontado pela historiografia especializada<sup>4</sup>. Côncavo e convexo constituem-se em recursos formais utilizados na modelação do espaço arquitetônico desde a antiguidade clássica para confundir, divergindo ou convergindo o sentido tátil do olhar<sup>5</sup>.



Figura 1: Sítio Padre Inácio, Cotia, São Paulo.

No "Sertão" rude distância do Estado e da Corte agrava os limites impostos pela vida material tosca. Nele se juntaram inicialmente em um mesmo espaço portugueses, bugres e negros. Da casa de "sítio bandeirista" à igreja do povoado, aldeia ou vila, construir, com qualquer

material ou técnica, significa propor espaço de geometria clara e simples contraposta à presença dominante do pinturesco do "Mato Grosso". A mata é inicialmente o lugar do desconhecido mundo da selva tropical, em oposição, o colonizador abre a clareira, o futuro terreiro do sítio ou do povoado, onde aparecem o horizonte e a possibilidade mínima do domínio geométrico do espaço. Nessas ilhas inseridas em "oceano verde", o cruzeiro assume papel simbólico de caráter transcendental aos pressupostos da fé cristã. Ele é a metáfora inicial da idéia de geometrização e sublimação do espaço do colonizador, oferecendo a si e ao colonizado o enigma da sua racionalidade, através de uma divindade "humana", superior a exuberante da natureza. Aparentemente paradoxal este é o universo onde a linha reta representa, desde o início, o contraponto entre a racionalidade civilizada e a barbárie local.



Figura 2: Retábulo Sítio Voturuna, região de Santana do Parnaíba, São Paulo.

<sup>3</sup> ARGAN, Giulio Carlo. *Borromini*, Nueva Visión, Buenos Aires, 1961.

WITTIKOWER, Rudolf. *Gian Lorenzo Bernini*, Alianza Forma, Madrid, 1990.

GIEDION, Sigfrido. *Espacio, tiempo y arquitectura* (el futuro de una nueva tradición), Dossat, Madrid, 1978.

<sup>4</sup> TOLEDO, Benedito Lima de. *História geral da arte no Brasil*. Instituto Walter Moreira Salles, São Paulo, 1983.

SANTOS, Paulo Ferreira. *Discussão das hipóteses de raízes italianas e raízes autóctones para igrejas da Companhia de Jesus em Portugal*. V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Coimbra, 1966.

<sup>5</sup> RIEGL, Alois. *Arte tardo romana*. Giulio Einaudi, Torino, 1959. Edifícios circulares de planta central como caso clássico do Panteão, ou mesmo as formas basilicais onde predomina o espaço prismático as atenções do observador estão, focadas nas absides côncavas na horizontal e na cobertura geralmente abobadada.

Sobriedade, previsibilidade e estabilidade associados a noção clara de limites visuais estáticos e precisamente localizados predominam na composição interna da nave, capela mor e nos adros das igrejas. São arquiteturas de ornamentação singelas herdeiras do chamado “estilo chão”<sup>6</sup> português. Aqui prevalece a solução tipológica basilical, com abside<sup>7</sup> estendida pelo coro formando o Altar Mor no ponto focal do prisma interno da nave, com ou sem nártex<sup>8</sup> e capelas colaterais comunicantes.

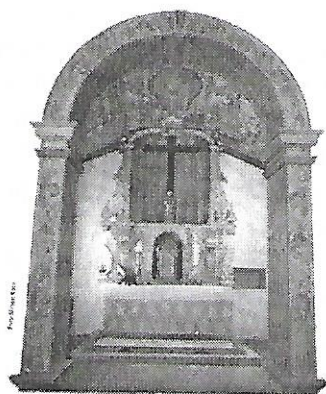


Figura 3: Arco Cruzeiro, Altar Mor e Retábulo. Sítio Santo Antônio, São Roque, São Paulo.

Em Minas e Goiás, a convergência da migração das várias regiões do Brasil e da enorme imigração portuguesa configura outro espaço, apesar dos traços evidentes da herança sertanista. As vilas e cidades

mantêm as populações na mineração e o abastecimento passa a depender do trânsito mercantil interno<sup>9</sup>, diminuindo progressivamente as diferenças entre as regiões de colonização, além de apresentar pela primeira vez um repertório arquitetônico inovador e erudito, onde se evidencia em território de difícil acesso, a presença cortesã urbana ao lado da aspereza do mundo dos tropeiros e garimpeiros.

Pela primeira vez, em pleno XVIII e em um período curto, ampliam as condições materiais da colônia e da Metrópole, a ponto de propiciar o excedente de riqueza que possibilitaria a construção monumental e suntuosa, própria do universo barroco romano do séc. XVII, já anunciado em Portugal nos projetos de São Roque de Lisboa e São Vicente de Fora no XVI.

No Brasil existem vários barrocos, mas em Minas sublimou-se a extremos, a espacialização de elementos arquitetônicos herdados da gramática clássica de ornamentação tributária ao final do Maneirismo. Nessa região a talha<sup>10</sup> e os retábulos configuram rupturas com o sentido estático, geometricamente bem comportado das paredes e pisos. Parecendo fluir entre a forma imanente à arquitetura, e o aderido próprio à autonomia da escultura<sup>11</sup>. Tímido

<sup>7</sup> Abside: Espaço interior de planta semicircular ou poligonal que abre para o espaço central da estrutura ou para um compartimento. I ALTET, Xavier Barral. *A alta idade média da antiguidade tardia ao ano mil*. Taschem, Lisboa, 1998.

<sup>8</sup> Nártex ou nártice: Na arquitetura cristã primitiva, a galeria, vestíbulo ou pórtico situado de frente da entrada principal de uma igreja. I ALTET, Xavier Barral. *A alta idade média da antiguidade tardia ao ano mil*. Taschem, Lisboa, 1998.

<sup>9</sup> SANTOS, Ronaldo Marco dos. *O rascunho da nação*, mimeo, Institui de Economia da Unicamp, Campinas 1979.

<sup>10</sup> Talha: Obra de escultura de madeira. Termo empregado principalmente para designar o trabalho dos retábulos e da decoração em madeira das igrejas. ALVIM, Sandra. *Arquitetura religiosa colonial no Rio de Janeiro*. UFRJ/ IPHAN, Rio de Janeiro, 1996.

<sup>11</sup> ALBERTI, Leon Battista. *De re aedificatoria*. Trad. Javier Fresnillo Núñez. AKAL, Madrid, 1991. “Se é assim, a ornamentação será um elemento secundário que ajuda a beleza, um elemento complementar.” “...a ornamentação é por sua natureza algo acessório, um aditamento mais que um elemento substancial.” Livro VI pág. 246.

e estático no início, ganha aos poucos força expressiva impulsionado pela cor, brilho, forma, luz, movimento e finalmente pela própria lógica formal dos templos religiosos, desde as principais igrejas litorâneas até as pequenas capelas e grandes Matrizes do “Barroco Mineiro”<sup>12</sup>.

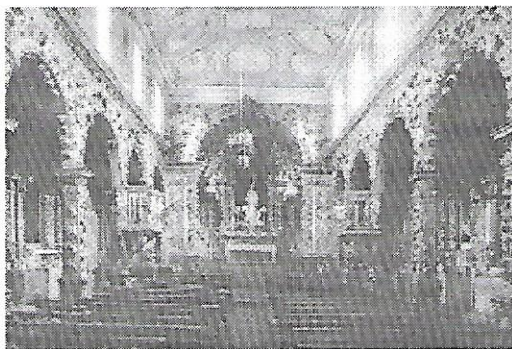


Figura 4: Nave Nossa Senhora da Conceição, Sabará, Minas Gerais.

A bibliografia sobre o assunto, apesar de restrita, procura identificar conjuntos tipológicos a partir da análise morfológica ou estilística, quase sempre o tema aparece inserido dentro de um texto maior abordando questões da arquitetura ou da arte isoladamente. Lúcio Costa inaugura este estudo em texto historiográfico e teórico de caráter classificatório sobre a Arquitetura dos

Jesuítas no Brasil<sup>13</sup>. Adotando outra classificação e nomenclatura, Paulo F. dos Santos em livro sobre “O Barroco e o Jesuítico no Brasil”, retoma com maior preocupação historiográfica e cronológica<sup>14</sup>. Em 1978, é publicado, na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, um surpreendente texto de Lygia Martins Costa<sup>15</sup>, apontando para as inovações dos retábulos de Antônio Francisco Lisboa. Neste trabalho, evidencia-se pela primeira vez a projeção dos elementos constituintes do retábulo sobre o espaço arquitetônico, articulando a talha a uma concepção de unidade espacial. Benedito Lima de Toledo, por sua vez, insere um breve estudo sobre “Morfologia dos Retábulos”<sup>16</sup>, no qual aponta para um “estilo nacional português” transportado para o Brasil, além do “estilo Joanino” e “estilo Brito” (Manuel de Brito e Francisco Xavier de Brito). Dentro de uma perspectiva próxima Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, retoma o tema em 1984, agora voltado para a escultura do período colonial<sup>17</sup>. Nessa abordagem cronologicamente cuidadosa, a autora aproxima a sintaxe dos elementos arquitetônicos do fato escultural, oferecendo uma perspectiva tridimensional da talha voltada à ornamentação, isto é, como complemento do espaço arquitetônico.

<sup>12</sup> MACHADO, Lorival Gomes. *Barroco mineiro*. Perspectiva, São Paulo, 1991. Obra densa e paradigmática hoje em revisão a partir dos matizes do rococó.

<sup>13</sup> COSTA, Lúcio Costa. *A arquitetura dos jesuítas no Brasil*. Revista da IPHAN nº 5, Rio de Janeiro, 1941. Nessa primeira avaliação o autor identifica quatro tipos de retábulos: Classicismo Barroco, Romanicismo Barroco, Goticismo Barroco e Renascimento Barroco.

<sup>14</sup> SANTOS, Paulo F. dos. *O barroco e o jesuítico na arquitetura do Brasil*. Kosmos, Rio de Janeiro, 1951. O autor agrupa em quatro tipos os retábulos: “proto barroco”, “barroco-seiscentista”, “barroco-setecentista”, “barroco-rococós”.

<sup>15</sup> COSTA, Lygia Martins. Inovação de Antônio Francisco Lisboa na estruturação arquitetônica dos retábulos. In: *REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL*, Nº 18, MEC, Rio de Janeiro, 1978. O texto havia sido apresentado anteriormente (1977) na Quarta Reunião do Comitê Brasileiro do CIHA (Comitê Internacional de História da Arte).

<sup>16</sup> TOLEDO, OP. CIT.

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Escultura colonial brasileira: um estudo preliminar. In: *Revista Barroco* nº 13, 1984/85.

O capítulo de Germain Bazin sobre a "Morfologia do Retábulo Português"<sup>18</sup> sucede o texto inaugural de Lúcio Costa e está presente nas abordagens posteriores de Toledo e Oliveira, ampliando os esclarecimentos quanto a correta influência portuguesa, agora mais solta do sentido militante da construção da chamada "identidade nacional" própria ao início do modernismo brasileiro, e tão cara ao SPHAN daquele momento.

O recente trabalho de Sandra Alvim<sup>19</sup> trata detalhadamente o mesmo tema no volume 2: "Revestimentos, Retábulos e Talha". Em linguagem sintética e fartamente acompanhada de desenhos e fotos, a autora desmonta sistematicamente toda estrutura sintática da composição e ornamentação dos retábulos. Embora circunscrito à cidade do Rio de Janeiro, o texto não deixa de ser uma radiografia incisiva, esclarecendo, além da evolução formal própria à cronologia histórica, as implicações espaciais de cada momento, decorrentes das tensões entre o campo de forças contido nos elementos arquitetônicos básicos, e da ornamentação suplementar. Além disso estendendo para o espaço da nave as vibrações dinâmicas próprias à elaboração formal de elemento de arquitetura inato ao templo religioso.

Os retábulos articulados à talha são parte do espaço do escultor e parte do espaço arquitetônico, que possibilitam a dobras,



Figura 5: Nossa Senhora do Rosário, Ouro Preto, Minas Gerais.

texturas, vibrações e torções sutis para o côncavo ou convexo, fundamento da percepção visual barroca, confundindo limites verticais e desestabilizando a horizontal. Na Matriz de Santo Antônio de Tiradentes, o Arco Cruzeiro do Altar Mor, além de criar um plano de transição, que separa o coro da nave, esconde a correta posição do ponto focal, já que as laterais (ombreiras) do "arco cruzeiro" não estão a prumo, rompendo o equilíbrio gravitacional próprio da vertical. Nesse espaço, onde o olho se perde entre a policromia dourada da talha, os retábulos surgem como único apoio plausível, fisgando o observador para o campo da visão dual<sup>20</sup>, transformando arquitetura em um fato escultural indissociável da sua condição ótica e tridimensional.

<sup>18</sup> BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Record, Rio de Janeiro 1983. Publicado originalmente com o título de *L'ARCHITECTURE RELIGIEUSE BAROQUE AU BRÉSIL*, 1956.

<sup>19</sup> ALVIM, Sandra Poleshuck de Faria. *Arquitetura religiosa colonial no Rio de Janeiro* (2v.). UFRJ/IPHAN, Rio de Janeiro, 1996.

<sup>20</sup> WITTIKOWER, Rudolf. La época del alto barroco. In: *ARTE Y ARQUITECTURA EN ITALIA 1600-1750*. Cátedra, Madrid, 1989. "..., ya que el método de representación sugiere que la imagen completa de un santo y su visión es la experiencia sobrenatural del espectador." pág. 139.

Diferentemente da eurritmia grega, no barroco as deformações óticas não objetivam corrigir as deformações relativas ao ângulo de visão do observador. Não apenas porque já esta em pauta o controle perspectivo do espaço, associando desde o renascimento ótica e geometria, em jogo de proporção, controlando matematicamente equilíbrio estático, instabilidades geométricas e deslocamentos ascensionais. Prevalece também o sentido de continuidade histórica, ao invés das rupturas, articulando o modelo basilical românico estruturalmente sóbrio e despojado, associado ao jogo de proporções, rigor estrutural e monumentalidade do gótico pouco diáfano<sup>21</sup>, características que poderiam explicar em parte as afirmações autóctones e o sentido medievalista às vezes atribuído ao colonizador português.

Geometrias invisíveis desestruturam o olhar, cruzam percepção com cor, brilho, proporção, deformações, côncavo e convexo. Obrigam movimento em múltiplos eixos ascensionais, monumentalidade sem gigantismo, convidando o observador à "visão dual" do santo e de si mesmo. A "medida da terra" transformada em "ciência do espaço" não encontra a medida lógica neste espaço de limites instáveis, carregado de aparentes descontinuidades, ainda assim tridimensional e isotrópico.

A talha e retábulos escondem do observador o dimensionamento rigoroso do constructo arquitetônico tributário a experiência jesuítica teologicamente disciplinadora. Este valor de belo, inicialmente aderido, altera a estrutura arquitetônica, "bulbando" as naves, portadas,

nártex e frontões, deslocando e torcendo as torres, para finalmente transbordar a noção de espaço do interior para o corpo do templo. Alterando seu encaixe urbanístico, apresenta as possibilidades espaciais entre a separação do traçado planimétrico regular e o controle ótico de pontos focais que agarra o observador independente da forma plana do seu percurso.

## BIBLIOGRAFIA GERAL:

ARGAN, Giulio Carlo. *Proyecto y destino*. Universidad Central de Venezuela, 1969.

\_\_\_\_\_. *La Europa de las capitales*. Barcelona: Skira, 1964.

\_\_\_\_\_. *Borromini*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1961.

\_\_\_\_\_. *El concepto del espacio arquitectónico desde lo a nuestros días*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.

\_\_\_\_\_. *Renacimiento y barroco*. Madrid: Akal, 1987.

FRANKL, Paul. *Principios fundamentales de la historia de la arquitectura - el desarrollo de la arquitectura europea: 1420-1900*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

GHYKA, Matila C.. *Estética de la proporciones en la naturaleza y en las artes*. Buenos Aires: Poseidon, 1953.

\_\_\_\_\_. *El numero de oro*. Buenos Aires: Poseidon, 1978.

<sup>21</sup> FOCILLON, Henri. *A arte do ocidente - a idade média românica e gótica*. Estampa, Lisboa, 1978. DUBY, Georges e LACLOTTE, Michael (org.). *História artística da Europa, a idade média T-1*. Paz e Terra, São Paulo, 1997. VON SIMSOM, Otto. *A catedral gótica*. Presença, Lisboa, 1997.

LOTZ, Wolfgang. *La arquitetura del renacimiento en Italia*. Madrid: Hermann Blume, 1985.

\_\_\_\_\_. *Arquitetura na Itália 1500-1600*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

WITTKOWER, Rudolf. *Gian Lorenzo Bernini*. Madrid: Alianza/Forma, 1990.

\_\_\_\_\_. *Sobre la arquitectura en la edad del humanismo*. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

\_\_\_\_\_. *Arte y arquitectura en Italia 1600-1750*. Madrid: Cátedra, 1988.

WÖLFFLIN, Heinrich. *Renascença e barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

\_\_\_\_\_. *Conceitos fundamentais da história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

RIEGL, Alois. *Arte tardo romana*. Torino: Giulio Einaudi, 1959.

#### FIGURAS:

F.1, F. 2, F.3, F.4: Coleção, *Arte no Brasil*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

F. 5: BURY, John. *Arquitetura e arte no Brasil colonial*. Lisboa: Nobel, 1973.

